

# Galego e Português Brasileiro

história, variação e mudança



LaborHistórico

Volume 3 - Número 2 - jul./dez. 2017

Universidade Federal do Rio de Janeiro

# Sumário

<b>Apresentação</b>	10
---------------------	----

*Xoán Carlos Lagares*  
*Leonardo Lennertz Marcotulio*

## Dossiê Temático

<b>Norma e autoridade linguística no galego e no português brasileiro</b>	12
---	----

*Henrique Monteagudo*  
*Xoán Carlos Lagares*

<b>Language Policies and Linguistic Culture in Galicia</b>	28
--	----

*Anik Nandi*

<b>Considerações sobre os conceitos de língua e variedade: uma discussão com base no galego</b>	46
---	----

*Melina Souza*

<b>Dêixis de lugar e esquemas imagéticos em amostras de fala do português brasileiro e do galego contemporâneos</b>	58
---	----

*Maria Jussara Abraçado de Almeida*  
*Rachel Maria Campos Menezes de Moraes*

<b>As construções de foco no galego é o que eu estou tentando entender</b>	71
--	----

*André Felipe Cunha Vieira*

<b>Convergência do léxico por contato entre o português brasileiro e o galego modernos</b>	97
--	----

*Valéria Gil Condé*

## Varia

Por que reeditar (e reler) "O tratamento você em português: uma abordagem histórica" 108

---

*Christiane Maria Nunes de Souza*

## Clássicos

O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica 114

---

*Carlos Alberto Faraco*

## Por que reeditar (e reler)

### *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*

*Why edit (and read) again*

*O tratamento você em português: uma abordagem histórica*

Recebido em 12 de maio de 2017. | Aprovado em 08 de julho de 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.24206/lh.v3i2.17149>

*Christiane Maria Nunes de Souza*<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste texto é discutir a importância e a vitalidade do texto clássico "O tratamento você em português: uma abordagem histórica", de Carlos Alberto Faraco, assim como justificar a necessidade de sua republicação.

**Palavras-chave:** clássicos; formas de tratamento; história do português.

**Abstract:** The aim of this text is to discuss the importance and vitality of Carlos Alberto Faraco's classic text, "O tratamento você em português: uma abordagem histórica", as well as to justify the need for its republication.

**Keywords:** classics; forms of address; history of Portuguese language.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015) e pesquisadora em estágio pós-doutoral (PNPD/CAPES) na mesma universidade. Concentra seus estudos na área de Sociolinguística, dedicando-se especialmente à descrição de fenômenos em variação/mudança no sistema pronominal do português, à história social do português falado e escrito no estado de Santa Catarina e às relações entre língua e identidade na cidade de Florianópolis. [souzacmn@gmail.com](mailto:souzacmn@gmail.com).

[...] deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. Portanto, usar o verbo ler ou o verbo reler não tem muita importância. De fato, poderíamos dizer:

4 – Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira.

5 – Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura.

A definição 4 pode ser considerada corolário desta:

6 – Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.

(Ítalo Calvino, *Por que ler os clássicos*)

“O texto ainda respira?” – Foi o que respondeu Carlos Alberto Faraco ao ser questionado sobre a possibilidade de reeditar *O tratamento você em português: uma abordagem histórica* 22 anos depois de sua publicação. O editor riu sem graça à resposta modesta, quase ingênua, do autor. O texto de Faraco respira em cada trabalho sobre formas de tratamento do português – e hoje são muitos esses trabalhos, em grande parte inspirados pelo “sopro” do artigo editado pela primeira vez em 1996.

Como foi publicado em um tempo em que ainda não havia DOI<sup>2</sup>, não há como saber com exatidão quantos trabalhos posteriores dialogaram e dialogam com o artigo de Faraco. De fato, excetuando-se as cópias digitalizadas que circularam em meio virtual, não é possível dizer que o texto se constituía como um “objeto digital” propriamente dito, uma vez que a revista em que foi publicado, a hoje extinta *Fragmenta*, tinha como único meio de divulgação o impresso – o que torna ainda mais impressionante a proporção tomada pelo artigo. Ademais, seria cansativo e provavelmente injusto tentar relacionar todos os estudos que citam *O tratamento você em português...* também porque o artigo trata de um processo complexo – a confluência entre fatores externos e internos que resulta em uma bela história sem fim – e são muitas as frentes a serem exploradas a partir das observações e hipóteses aventadas pelo autor. Aqui, contudo, faremos uma tentativa.

Muitos no Brasil têm se dedicado, de algum modo, a estudar o pronome *você*. Há pesquisas sob diferentes enfoques teóricos, compreendendo diferentes recortes temporais, com diferentes delimitações em termos de objeto de pesquisa. Uma frente bastante investigada é aquela que diz respeito à variação entre esse pronome e o pronome *tu* para expressão da segunda pessoa do singular, especialmente em contexto morfossintático de sujeito, mas também, por vezes, com foco sobre as correlações entre pronomes que ocupam outros contextos na sentença, como os clíticos *te* e *lhe* e os possessivos *teu/tua* e *seu/sua*, e o pronome adotado como sujeito – alguns dos filões explorados por Faraco na seção intitulada *Repercussões gramaticais*. Em algumas localidades, investigam-se, ainda, usos variáveis no que tange à concordância verbal com o pronome *tu*, que se realiza ora como a forma considerada “padrão” (*tu fazes, tu fizeste*), ora como a forma dita “não padrão” (*tu faz, tu fez*), e, em certos casos, através de uma forma que aparece somente no tempo pretérito, chamada de “assimilada” (*tu fizesse*).

Muitos dos pesquisadores dedicados a esse objeto têm reunido esforços para esboçar a trajetória diacrônica e a distribuição regional e socioestilística do pronome *você* com vistas a uma análise comparativa de diferentes variedades do português brasileiro. Um dos mais recentes frutos desses esforços é o capítulo intitulado *A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito*, que compõe, junto a outros quatro capítulos, o volume 4 da Coleção História do Português Brasileiro, a ser publicado pela Editora Contexto neste ano de 2018. Nele, 17 autores se reúnem e oferecem uma espécie de mapeamento da variação/mudança observada nos pronomes de segunda pessoa do singular em cartas pessoais datadas dos séculos XIX e XX, escritas nos estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, de São Paulo, de Santa Catarina, da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte. Em uma compilação abrangente como essa, temos uma amostra razoável de linguistas brasileiros que, em sete estados, se dedicaram a olhar para o pronome *você*, ainda que dessa amostra estejam excluídos os pesquisadores que investigam outras frentes também relacionadas ao pronome,

<sup>2</sup> Sigla em inglês para *Identificador de Objeto Digital*.

como aqueles que se interessam por uma perspectiva sincrônica e/ou por dados de fala documentados em ricos e inúmeros bancos de dados linguísticos do Brasil. Mas o que essa compilação nos diz sobre *O tratamento você em português...*, afinal?

Além de apresentar análises originais, o capítulo escrito por esses 17 autores ampara-se, naturalmente, em textos anteriores. *O tratamento você em português...* está entre esses textos, e entre esses textos também estão, além de capítulos de livro e artigos, 21 teses e dissertações defendidas a partir de 1996. Uma busca relativamente rápida na internet nos dirá que, dessas 21 teses e dissertações citadas nesse capítulo sobre o pronome *você* no Brasil, 20 dialogam, em algum momento, com o artigo de Faraco. O artigo, em outras palavras, foi uma referência para a formação desses 20 professores e pesquisadores. Interessa notar que essas teses e dissertações estão datadas de 1996 a 2013, o que nos dá mostras de como *O tratamento você em português...*, sim, ainda respira!

É difícil dizer exatamente o que em *O tratamento você em português...* inspira o leitor. O texto sempre elegante de Faraco é, certamente, uma aposta. E o pronome *você* também tem seus encantos, embora esses encantos acabem muitas vezes misturados ao próprio artigo em questão, porque não é difícil adivinhar como começa a trajetória de um estudante que abraça as formas de tratamento como objeto de estudo: ou ele chega ao orientador e diz *Estou fascinado pelas formas de tratamento, o que você me sugere?*, e o orientador indica a leitura do “texto do Faraco”, ou ele chega ao orientador e diz *Estou fascinado pelo “texto do Faraco”, o que você me sugere?*, e o orientador indica que estude as formas de tratamento. Seguimos, então, para uma outra tentativa: a de entender o que há no artigo que faz com que ele siga respirando.

O artigo de Faraco está organizado em quatro seções, incluída a Introdução, mas é nítida a preocupação do autor em separar o texto em duas incursões, nas duas últimas seções – que são também as seções em que o texto mais se demora: uma pelos aspectos externos (na Seção 3) e outra pelos aspectos internos (na Seção 4) da entrada de *vossa mercê* e da permanência de *você* no português. O texto sintetiza e organiza informações históricas já veiculadas por outros autores, a maioria deles portugueses, numa narrativa que faz sentido ao leitor brasileiro, aventando hipóteses tanto históricas quanto gramaticais para o funcionamento do fenômeno linguístico no Brasil, hipóteses essas que nortearam e norteiam pesquisas desenroladas no país nos últimos vinte anos.

Embora afirme logo de início que aos linguistas interessam as repercussões gramaticais da entrada de *você* no sistema de pronomes, Faraco, opondo-se a explicações estritamente imanentes, contextualiza historicamente o surgimento da forma de tratamento *vossa mercê* e sua transformação no pronome *você*. Logicamente, como se dá a partir do século XIV, a ocasião em que *vossa mercê* adentra a língua portuguesa é cercada tão somente pela história de Portugal e da Europa durante o período medieval. Para apresentar o contexto da entrada dessa forma de tratamento no português, se ampara, principalmente, nos trabalhos anteriores de Henrique da Gama Barros (*História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*, de 1945), António Henrique Rodrigo de Oliveira Marques (*História de Portugal*, de 1972) e António José Saraiva (*História da Cultura em Portugal*, de 1950), oferecendo ao leitor elementos para pensar a difusão de formas de tratamento nominais de fórmula *Vossa+N* em Portugal, como a ascensão social de uma burguesia urbana e os novos modos de vida da corte portuguesa.

Já para tratar das formas de tratamento propriamente ditas, o autor recorre a duas fontes hoje relativamente conhecidas para os pesquisadores brasileiros: a obra *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*, de Luís Filipe Lindley Cintra, datada de 1972, e o texto *Fórmulas de tratamento no português arcaico*, de Marilina dos Santos Luz, publicado inicialmente como três artigos da Revista Portuguesa de Filologia, entre os anos de 1956 e 1959. Dos registros da autora, reunidos em torno de textos das cortes portuguesas, é que Faraco traça a datação de *vossa mercê* e de outras formas de tratamento; é de Santos Luz, também, que Faraco empresta a expressão “revolução da terceira pessoa”, usada para referir o conjunto de mudanças atravessadas pelo sistema de tratamento da língua portuguesa no decorrer do século XIV. Interessa notar que, ao fechar a Seção 3, sobre o contexto histórico de surgimento e difusão de *vossa mercê*, o autor encaminha hipóteses acerca do sistema de tratamento que chegou ao Brasil no século XVI, chamando a atenção para a probabilidade de que os colonizadores aqui chegados não fossem usuários da mesma norma com que foram escritos os textos das cortes no mesmo período, uma vez que os que desembarcaram na América e os que escreveram textos das cortes eram sujeitos pertencentes a estratos sociais distintos no interior da sociedade portuguesa.

Ainda na paradoxalmente difícil tentativa de explicar por que *O tratamento você em português...* inspira seus leitores, cabe dizer que um grande diferencial desse artigo em relação aos textos que retoma na terceira seção é, parafraseando as palavras do próprio autor, o fato de Faraco discutir e reinterpretar fatos apresentados nessas fontes. Acrescente-se aqui a maneira didática, que lhe é habitual, com que reorganiza o que em suas fontes

aparece de modo relativamente disperso, além do já mencionado direcionamento que faz à realidade brasileira, ausente nas fontes portuguesas.

Embora a datação de *vossa mercê* e de *ocê* esteja sempre suscetível a novos achados e a contestações – como faz Odete Pereira da Silva Menon em seu artigo *Sobre a datação de você, ocê e senhorita*, de 2009 –, parece ser a parte final do texto de Faraco aquela que mais influenciou trabalhos posteriores. Apesar de publicado pela primeira vez em 1996, *O tratamento você em português...* é, na realidade, um dos produtos advindos da tese de doutorado do autor, intitulada *The Imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical analysis*, concluída em 1982, na Universidade de Salford, sob orientação do professor Martin Harris. Como o imperativo no português brasileiro é o foco de sua tese e como o autor entende o imperativo como um dos aspectos gramaticais relacionáveis à entrada do pronome *você* na língua portuguesa, é natural que boa parte de seu texto trate justamente das repercussões gramaticais do surgimento e da manutenção de *você* no português. Na Seção 4, o autor se volta totalmente para o contexto brasileiro, dialogando vez por outra com os também clássicos *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1976), e *O tratamento de 'você' no Brasil*, de Antenor Nascentes (1956).

Faraco organiza as repercussões gramaticais em torno de quatro rearranjos, e as tendências apontadas pelo autor têm encontrado, em grande parte, respaldo nos estudos desenvolvidos posteriormente. A primeira dessas tendências é, na realidade, uma constatação bastante evidente: a de que o pronome *vós* como segunda pessoa do singular e do plural não figura nas normas mais usuais do português brasileiro, tendo cedido seu espaço para o pronome *você* e sua forma plural *vocês*. A ressalva fica por conta do fato de que o pronome *tu*, que muitos acreditavam estar restrito a poucas variedades geográficas, mostrou-se, especialmente em pesquisas desenvolvidas a partir dos anos 2000, um concorrente de peso para o pronome *você*. Scherre et al. (2015) reúnem algumas dessas pesquisas e evidenciam que embora haja, de fato, localidades e contextos socioestilísticos que se mostrem mais significativos para o uso de *tu*, como já tinha sido apontado por Faraco, é possível notar que o pronome está presente em todas as cinco regiões brasileiras, não se tratando, portanto, de um uso peculiar de poucas variedades geográficas. Pode-se dizer, desse modo, que houve um processo de arcaização da forma *vós* e que a mais corrente forma plural de segunda pessoa é *vocês*, mas quando se trata do singular, ainda que o uso do pronome *você* seja mais abrangente e generalizado no português brasileiro, a variante *tu* também é utilizada.

O segundo rearranjo explorado por Faraco diz respeito aos novos valores adquiridos por formas pronominais dativas e possessivas, especificamente pelas formas *lhe* e *seu/sua*, que, sendo originalmente de terceira pessoa, passaram a referir a segunda pessoa. Como terceira pessoa, parece que *seu/sua* perderam seu espaço para *dele/dela*, conforme apontaram estudos conduzidos por Giselle Machline de Oliveira e Silva, alguns deles datados já da década de 1980. Isso não significou, contudo, que *seu/sua* tenha passado a ocupar sozinho o lugar de possessivo de segunda pessoa. Estudos como o de Arduin (2005) indicam que, mesmo em localidades onde o uso de *você* é preponderante no contexto morfossintático de sujeito, como em Curitiba, o uso de *teu/tua* é bastante significativo. Note-se que o trabalho de Arduin se baseia em entrevistas orais, mas aquilo que muitos materiais amparados em uma “norma curta” chamam de “mistura de tratamento” aparece também em dados de escrita.

Pesquisas que levaram em conta cartas pessoais escritas no decorrer dos séculos XIX e XX, como as de Rumeu (2008), Lopes e Marcotulio (2011), Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011), Lopes e Cavalcante (2011), Moura (2013), Oliveira (2014) e Nunes de Souza (2015), têm mostrado que, em diferentes variedades do português brasileiro, independentemente de a preferência em números mais gerais ser pelo pronome *você* ou pelo pronome *tu*, há contextos morfossintáticos que “resistem” à entrada de *você* mais do que outros. Entre esses contextos, estão justamente o de pronome possessivo, em que a forma *teu/tua* permanece mais frequente, e o de complemento verbal sem preposição, em que a forma *te*, de modo geral, “vence” a forma *lhe*.

Outro contexto morfossintático relacionável à entrada de *você* é o imperativo, que, juntamente à conjugação verbal, compõe o terceiro rearranjo gramatical de que trata Faraco na Seção 4 de seu artigo. Além de abarcar em sua discussão a arcaização das formas verbais associadas ao pronome *vós* e o novo valor adquirido pelas formas verbais de terceira pessoa – que hoje figuram também como segunda pessoa, inclusive em localidades em que a forma *tu* prevalece sobre a forma *você* (cf. SCHERRE et al., 2015), e como primeira pessoa do plural, sobretudo associadas ao pronome *a gente*, mas também com o pronome *nós* –, o autor primou por afirmar o caráter legítimo das formas de imperativo usadas no Brasil. Essa, aliás, foi preocupação constante de Faraco neste e em outros textos: a de mostrar a legitimidade de formas linguísticas que se distanciam da norma padrão.

Sobre o imperativo também muitos estudos foram desenvolvidos e seus resultados reafirmam o caráter legítimo (e variável) do fenômeno anunciado por Faraco. Em um levantamento realizado por Scherre et al. (2007), por exemplo, os autores evidenciam as preferências de uso em cada região brasileira. Há, por vezes, um aparente paralelismo entre o uso do imperativo *verdadeiro* (*olha, abre, faz*) e o uso do pronome *tu* e entre o uso do imperativo *supletivo* (*olhe, abra, faça*) e o uso do pronome  *você*, embora a combinação mais difundida seja aquela nomeada por Vera Lúcia Paredes Silva como “imperativo brasileiro”, referindo variedades em que o pronome  *você* vigora no contexto de sujeito e o imperativo é realizado como o  *verdadeiro* – um exemplo clássico dessa combinação é o slogan *Vem pra Caixa você também!*.

Por fim, o quarto rearranjo abordado por Faraco na Seção 4 diz respeito à tendência de, nas palavras do autor, “o pronome nominativo ocorrer obrigatoriamente” (p. 65), devido ao sincretismo de formas verbais, que, não expressando pessoa em sua morfologia, deixam para o sujeito a veiculação dessa informação gramatical (*ele canta, você canta, tu canta, a gente canta...*). Essa tendência já havia sido apontada por Maria Eugênia Lammoglia Duarte em seu texto de 1993, *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. Da década de 1990 até hoje, Duarte continuou desenvolvendo estudos sobre o tema, e atualmente acredita que o português brasileiro seja uma língua de sujeito parcialmente pleno, diferentemente do português europeu, uma língua de sujeito nulo.

Impressiona que alguém tenha abraçado um objeto tão complexo e tenha, em cerca de 30 páginas, dito tanto, de modo tão claro e coerente. Impressiona também que um artigo tenha de algum modo inspirado tantos a acrescentar algo à história do pronome  *você*, história essa que, assim como o artigo, permanece respirando e conquistando novos olhares. Aqui, tivemos apenas uma breve ideia do impacto do texto *O tratamento você em português...* no universo de pesquisas brasileiras. Desejamos que a partir de agora esse texto, em formato digital, possa mais facilmente ser encontrado, lido e relido.

## Referências

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ARDUIN, Joana. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. 2005. Dissertação (Mestrado). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (Org.). *Português brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1993, p. 107-128.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Os sujeitos de terceira pessoa: revisitando Duarte 1993. In: DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): Estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 21-44.
- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento de  *você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, Ed. da UFPR, nº 13, p. 51-82, 1996.
- FARACO, Carlos Alberto. *The Imperative Sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion*. Tese (Doutorado em Linguística). University of Salford, Salford, 1982.
- GAMA BARROS, Henrique da. *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*. Lisboa: Sá da Costa, 1945.
- LINDLEY CINTRA, Luís Filipe. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1972.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Sílvia R. de O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de  *você*-sujeito e retenção do clítico  *te*. *Linguística*, Madri, v. 25, p. 30-65, jun. 2011.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. O tratamento a Rui Barbosa. In: BARBOSA, Afrânio; CALLOU, Dinah. (Orgs.). *A norma brasileira em construção: Cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. p. 265-291.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. In: LOPES, Célia Regina dos Santos; REBOLLO, Letícia Rebollo. (Orgs.). *Formas de tratamento em Português e Espanhol: Variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 315-348.

- LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; RUMEU, Márcia Cristina de Brito; ANDRADE, Aroldo Leal de; COELHO, Izete Lehmkuhl; MARTINS, Marco Antonio; OLIVEIRA, Mariana Fagundes de; GOMES, Valéria Severina; MONTE, Vanessa Martins; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria; BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia; SOUZA, Janaína Pedreira Fernandes de; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; MOURA, Kássia Kamilla de; CRUZ, Iracema Aguiar da; CARDOSO, Nayara Domingues. In: *Mudança sintática das classes de palavra: Perspectiva funcionalista*. São Paulo, Contexto (a sair). (Coleção História do Português Brasileiro).
- MENON, Odete Pereira da Silva. Sobre a datação de você, ocê e senhorita. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v.6, n.1, p. 45-71, 2009.
- MOURA, Kássia Kamila. *A implementação do você em cartas pessoais norte-rio-grandenses do século XX*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- NASCENTES, Antenor. O tratamento de 'você' no Brasil. *Letras*, nº 5/6, p. 114-122, 1956.
- NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. *A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século*. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- OLIVEIRA MARQUES, António Henrique Rodrigo de. *História de Portugal*. Lisboa: Ágora, 1972.
- OLIVEIRA, Tiago Laurentino de. *Entre o linguístico e o social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: Um estudo de painel*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- SANTOS LUZ, Marilina dos. Fórmulas de tratamento no português arcaico. *Revista portuguesa de filologia*. nº 7, p. 251-263, 1956.
- SANTOS LUZ, Marilina dos. Fórmulas de tratamento no português arcaico. *Revista portuguesa de filologia*. nº 8, p. 187-252, 1957.
- SANTOS LUZ, Marilina dos. Fórmulas de tratamento no português arcaico. *Revista portuguesa de filologia*. nº 9, p. 55-157, 1958-1959.
- SARAIVA, António José. *História da cultura em Portugal*. Lisboa: Jornal do Foro, 1950.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva; SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima. Reflexões sobre o imperativo em português. *DELTA*, vol. 23, nº especial, São Paulo, p.193-241, 2007.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; DIAS, Edilene Patrícia; ANDRADE, Carolina; MARTINS, Germano Ferreira. Variação dos pronomes "tu" e "você". In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.
- SOUZA, Camila Duarte. *Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você: A variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.